

T FERVENZA, Hélio.
Deslocamentos e
Fronteiras. 1998. (4
p.) [recorte revista]

Deslocamentos e Fronteiras

Hélio Ferverza

O artista alemão Jochen Gerz, em 1970, escrevia cartões que enviava a algumas pessoas, com os seguintes dizeres: «Da Vinci está morto, Li Po está morto, Tatlin está morto», e, embaixo, colocava seu nome e a data de seu nascimento.

Então, podemos perguntar: o que é isto que instaura um processo, ter nascido, estar vivo?

O que me interessa mais precisamente aqui, e aqui começa também o nosso deslocamento, não é tanto uma data, mas um lugar: o lugar do nascimento.

O tema Fronteiras e Vizinhanças me acompanha particularmente há mais de trinta anos – e, deveria dizer, de uma maneira involuntária –, tendo em vista o fato de eu ter nascido na fronteira com o Uruguai. Mas dizer, “nasci na fronteira”, pode ser mais do que uma particularidade, um fato biográfico, ou elemento de uma geografia sentimental, pode ser uma metáfora sobre as diferenças e suas indeterminações, sobre as

diferenças e seus deslocamentos. Talvez, os parênteses não sejam suficientes, mas seria importante acrescentar no lugar do «ter nascido», o «estar nascendo».

Assim, isto me vem à mente no momento em que enfoco este tema hoje: deslocamentos e fronteiras.

Começando. Falarei sobre duas experiências vivenciadas e compartilhadas com outros artistas. Estas experiências vêm se realizando paralelamente ao nosso trabalho habitual e individual. Elas se dão não somente em diferentes espaços, mas no deslocamento entre diferentes espaços, no deslocamento entre pessoas pertencendo a culturas diferentes, línguas diferentes, países diferentes...

A primeira trata do projeto O Inversor, concebido por mim e por Maria Ivone dos Santos, quando de nossa estada de sete anos na França, conjuntamente com os artistas franceses Marie-Anne Pouhin e Gabriel Goerger. O Inversor

surgiu desse encontro, dessa amizade. Quatro pessoas, oito mãos, em Estrasburgo, França, por volta de 1992. Estrasburgo, coincidentemente, também cidade-fronteira entre França e Alemanha.

O Inversor consiste inicialmente num trabalho gráfico, realizado coletivamente. São cartazes impressos em off-set. Esta noção de inverso constituiu-se à medida em que eram elaboradas as imagens que o integram. Desde já, questionávamos o lugar de exposição, tendo em vista o meio utilizado e a multiplicidade de situações de inscrição que este propicia.

Havia também, inicialmente, a necessidade de formular uma interrogação em relação ao sentido de interpretação habitual do trabalho artístico. Orientar os olhares para desenvolver um procedimento que instigasse a um outro olhar sobre o trabalho de cada um, utilizando o aberto que o encontro propiciava, para melhor

colocar em evidência as questões: O que está por detrás da obra? O que acontece se nós voltamos, ou retraçamos nossos passos até o cruzamento dos caminhos? O que é isto que instaura um processo artístico? Um encontro?

Na construção deste projeto gráfico, trabalhamos a partir de imagens fotográficas realizadas por nós. Sendo assim, cada um necessitava do outro para poder realizar o que havia concebido como imagem. Nós quatro trabalhamos com fotos do corpo em relação a um objeto – coincidência e pequeno jogo. A partir desta composição de imagens e de algumas interferências, foram impressos os mil cartazes em off-set.

Itinerário. O cartaz expõe-se ele mesmo, mas ele necessita de locais onde se expor.

Poderemos nos perguntar, face a um lugar, seja ele um quarto, uma galeria, ou uma rua: Que espaço os cartazes pedem – ou que parte deste espaço – para existir? Que espaço – ou que parte deste espaço – os cartazes necessitam para ativar seu sentido? Coloca-se inversamente a questão do espaço de inscrição como sentido, visto que O Inversor adere e se incorpora a estes sítios.

A Viagem. Então. Primeira (in)versão, primeira escala no itinerário: Galeria Finnegans', em Estrasburgo, França, dezembro 1993.

Apresentação: no meio da sala, uma grande pilha com cartazes em cima de uma estrutura de madeira, do mesmo tipo das que são usadas nas gráficas para estocar os papéis uma vez impressos. Pilha carregada.

Potencialidades.

Só que contrariamente à si-

tução habitual, durante a apresentação, os cartazes foram virados, de maneira que víamos o lado branco, o lado não impresso e posterior destes. Através do primeiro, na pilha, podíamos perceber as imagens no outro lado, do avesso, os traços esmaecidos, incrustados na espessura do papel.

Na parede, um único cartaz – desta vez enfrentando-nos com sua face mais visível e opaca, onde o olhar pipoca e se rebate, reflexivo, oscilante –, através de um face a face, provocando o movimento de partida, de verso/re-verso, de saída da pilha, de fluir da corrente.

Segundo deslocamento. Situado a uma hora e meia de Paris, no vilarejo de Pouilly, encontra-se o Centro Internacional de Pesquisa e Criação Transdisciplinar / Fundação *DANAE*. Nós aí interviemos com O Inversor durante o evento intitulado "O criar", realizado entre julho e setembro de 1994.

O lugar é uma pequena e antiga fazenda, transformada em um centro de atividades, dando ênfase à pesquisa em artes, de uma maneira geral, e suas conexões com outras disciplinas. Visa também a propiciar um espaço de discussão sobre as formas de criação, sobretudo coletivas. Franceses, italianos, brasileiros, espanhóis, indianos, gregos, poloneses... *DANAE* é um entroncamento de culturas.

Interferimos na fachada externa: quatro cartazes um ao lado do outro, sendo que dois deles foram virados e colados pelo avesso. Nossa escolha definiu-se pelo fato de o local escolhido ser um limite entre o dentro e o fora, um

lugar comunicando com a inversão, com o entroncamento dos sentidos.

Poderíamos perguntar: é o deslocamento para o encontro, isto que pode provocar uma abertura na obra, uma abertura da obra? Uma abertura para o fazer artístico, para a criação?

O cartaz é constituído pela reprodutibilidade. O espaço desta reprodutibilidade é múltiplo, plural, móvel. Assim, de um ponto de vista geral, o espaço do cartaz é criado por sua circulação, e pelos sentidos que lhe possam ser atribuídos nas suas diferentes interações, relações, confrontações aos lugares.

Terceiro deslocamento. Interferência de 24 horas na ponte do Paseo Vicente Huidobro, 14 de novembro 1995, Santiago, Chile. Nesta data, passando por uma avenida que margeia o rio Mapocho, rio que atravessa a cidade, e perto do hotel onde estava alojado, percebi uma estranha ponte. Ao aproximar-me, vi que ela não era mais utilizada para este fim, posto que havia sido transformada em um bar ou restaurante. Este, por sua vez, estava vazio e fechado há um certo tempo, tendo em vista os indícios aparentes de desuso. Era estranho porque, mesmo que ela tivesse a estrutura de uma ponte – e nós poderíamos assim utilizá-la para ir de um lado ao outro das margens do rio –, o fato de estar bloqueada provocava uma inversão em sua função e a tornava inutilizável: era uma ponte que não o era. A ponte era uma inversão.

Foi colocado, então, um cartaz ao lado da entrada (fechada) da ponte. Foi um gesto simbólico, furtivo, discreto, mas que

se inscreve dentro do espírito de O Inversor, no que diz respeito à sua relação com o espaço onde é mostrado. Um gesto, aliás, que adquire significação, por causa justamente do projeto, e de suas proposições, como um todo. Fragilidade do gesto análoga ao seu caráter transitório.

Quarto deslocamento. Abril/maio 1996, no terraço do quarto andar – face ao Guaíba – da Usina do Gasômetro. A intervenção nesse lugar da Usina pareceu-nos oportuna por mais de uma razão, mas principalmente pelo fato de que este se encontra na parte posterior do prédio, de costas para a cidade, reiterando assim esta noção de inversão lançada pela proposta gráfica.

O que seria o limite, a borda de uma cidade? E se esta olha, para onde olha?

Encontrar este momento fio, este momento vai-e-vem, isto que me conduz e estira meu olhar. Diante de mim, o rio, atrás de mim a cidade, ver/não-ver O Inversor. Onde acaba a cidade, começa um outro olhar. Quando esta me vê, não vejo o que olha. Quando não a vejo, vejo o que olha. Revirado como uma luva, mergulhado pelo avesso, deslocado entre os espaços.

Esclarecimentos: mais do que um objeto, O Inversor seria uma exposição, e mais do que isso, um processo de exposição.

O Inversor continua seu caminho. Não é um projeto concluído, e ele pode ser reativado a qualquer momento, desde que as condições ou as situações assim o solicitem.

A segunda experiência da qual falarei chama-se Ilimites, e é um projeto mais recente, conce-

bido conjuntamente com Maria Ivone dos Santos, pelo artista uruguaio Felipe Secco, e por mim. Nos conhecemos pela primeira vez em Paris, por volta de 1987. Este projeto originou-se a partir de nosso reencontro, em agosto de 96, em Porto Alegre, e da confrontação de nossos respectivos trabalhos.

Ilimites começou a tomar forma quando de contatos posteriores, o primeiro deles, realizado em dezembro de 96, na fronteira entre Brasil e Uruguai – Sant’Ana do Livramento/Rivera –, mais precisamente, a uns vinte quilômetros do perímetro urbano, no Cerro do Chapéu, em pleno campo.

O assunto/tema sobre o qual estamos trabalhando conjuga-se numa série de elementos, inter-relacionados como uma constelação. Estes são os aspectos da viagem, do nomadismo, do deslocamento, do andar, da passagem, dos lugares de passagem, da idéia de fronteiras, do trajeto e, por outro lado, dos aspectos do encontro, do ponto de encontro, e mais além, dos encontros entre diferentes culturas, e da mistura de culturas.

Nos encontramos em Paris, em Porto Alegre, em Sant’Ana do Livramento, em Rivera, em Punta del Diablo, em Montevideu... Nos encontramos e nos separamos e nos encontramos... Dois movimentos, como a sistole e a diástole.

Por vezes no meio do campo, a demarcação da fronteira não é visível, e ocorrem momentos de grande indefinição. Assim, vagávamos algum tempo sem saber nossa posição. E quando a encontrávamos, já não éramos os

mesmos, e esta não tinha o mesmo sentido. A esta situação que me interroga, chamo-a ilimites. Minha contribuição para o projeto é uma extensão desses deslocamentos.

Não me deterei especificamente aqui, na análise das obras decorrentes do projeto, mas sobre alguns aspectos que me parecem transversais à sua criação e ao nosso convívio, tanto na experiência de O Inversor, quanto na de Ilimites.

Em relação a Ilimites, podemos considerar as obras individualmente, mas até que ponto não existe algo do outro intercambiado em cada uma delas, um início de trabalho, alguma idéia, uma proposição, uma forma? Fronteiras e ilimites entre os trabalhos.

No surgimento dos projetos, não havia por assim dizer, uma carta de intenções. Tudo começou a partir das circunstâncias vivenciadas, da situação de repentinamente compartilharmos algumas inquietações, algumas opções e interesses artísticos, alguns pontos de vista, e sobretudo, várias alegrias, o fato de estarmos juntos, de partilharmos o caráter dessa presença. Maria Ivone enfatiza isso quando diz por exemplo que foram “as circunstâncias que abriram espaços...”

Pergunto-me, então, o que seria uma escala afetiva, organizando uma espacialidade heterogênea, inerente às diferentes pessoas envolvidas?

Lembro-me de Severo Sarduy, de seu livro sobre o Barroco, de como a elipse feita pela terra ao redor do sol convoca dois pontos em sua geometria: um ponto luminoso e um ponto obscuro. Assim, nestes nossos encontros,

por vezes certos silêncios, certos gestos enigmáticos, certos comportamentos corporais, eram tão importantes quanto a possibilidade de clareza das palavras.

A atenção ao fluxo, e a incorporação deste: fluxo que se dá entre artistas que criam um campo de relações, e que instauram obras, projetos, circunstâncias de vida, a partir deste. A mobilidade e o deslocamento geraram nosso encontro e espaços propícios. Quer dizer que o próprio campo, o espaçamento aí resultante, enquanto que possibilidade do aberto, tornou-se obra.

Se o encontro propicia pontos de abertura nas obras, nas atitudes, o diálogo em suas várias formas, nem sempre fácil, por vezes conflituoso, provoca o deslocamento. O diálogo entre todos nós, participantes destes projetos, o diálogo da obra com seu lugar, do observador com relação à obra, também são deslocamentos, e na fronteira destes encontram-se os ilimites.

Em maio e junho de 96, realizamos duas exposições na Aliança Francesa de Montevideú, Uruguai, que se sucederam, num processo de complementaridade. A primeira mostra de Maria Ivone dos Santos, intitulada *Ilimites* (cerceias y confines). Procedida num segundo momento pela mostra de Felipe Secco e Hélio Ferverza

chamada *Ilimites* (Realizamos neste mês de julho, na Pinacoteca do Instituto de Artes em Porto Alegre, uma outra mostra dando continuidade ao projeto).

Poderíamos, talvez resumir os diferentes aspectos que impulsionam os projetos. Pontos em comum: o deslocamento e o diálogo.

Em *O Inversor*, o encontro cristalizou num trabalho coletivo, que é o cartaz, o qual depois é confrontado às surpresas, à descoberta de outros e diferentes espaços de inscrição, estabelecendo assim um campo aberto de experimentações.

Em *Ilimites*, o encontro não cristaliza em obras propriamente coletivas, mas as ressonâncias do encontro em si, dos diálogos, da convivência, da elaboração de noções, das confrontações entre nós e nossos respectivos trabalhos, essas ressonâncias criam um projeto comum, cristalizado em obras individuais. A noção de *Ilimites* mesmo talvez esteja na base disso que se coloca como o **aberto**, como um espaçamento inicial, indeterminado e indeterminante, que impulsiona não somente o projeto, mas que fora deste, muito provavelmente também alterou a percepção de nosso fazer artístico individual.

Também haveria dois outros pontos a ressaltar. Em *O Inversor*:

a utilização de espaços onde haveria de uma certa forma, uma mudança de sentido, de posição, de direção. Em *Ilimites*: o lugar do encontro, a situação, provoca uma indefinição, uma deriva no sentido.

À medida em que encerro aqui meu percurso, em que finalizo, lembro-me de um livro de Octavio Paz intitulado *O Macaco Gramático*. Trago aqui duas passagens. Diz ele assim: "o melhor será escolher o caminho de Galta (inventá-lo à medida em que o percorro) e sem dar-me conta, quase insensivelmente, ir até o fim – sem preocupar-me em saber o que quer dizer 'ir até o fim' nem o que é que eu quis dizer ao escrever esta frase". "Sem esse fim que nos elude constantemente não caminharíamos, nem haveria caminhos".

Retomo, aqui e nas linhas que seguem, alguns dos principais pontos desenvolvidos por mim e por Maria Ivone dos Santos no texto intitulado "O Inversor", Porto & Vírgula n.º 28, Porto Alegre, SMC, setembro 1996. ■

Hélio Ferverza

Artista Plástico; Doutor em Artes e Ciências das Artes pela Universidade de Paris I; Professor do Instituto de Artes/UFRGS, atuando nos cursos de graduação e mestrado.